

Ti Arminda, Zés Pereiras e outras memórias da Senhora do Socorro

Por: Beatriz Ribeiro

A propósito das recentes celebrações da padroeira do concelho, através de memórias de albergarienses e recortes de imprensa, o Jornal de Albergaria recorda como eram as festas: com bombos, piqueniques em família e fiéis a perder de vista. A atual Irmandade da Nossa Senhora do Socorro procura novos membros para dar continuidade às Festas.

Armandina Ferreira Henriques (1909-1995) guarda um lugar especial na memória coletiva dos albergarienses pelo papel que desempenhou como guardiã do Monte e Capela da Nossa Senhora do Socorro durante 28 anos. Ti Armandina Socorro, como era carinhosamente chamada, vivia numa casa próxima da Capela.

José Silva, 78 anos, viúvo da neta de Armandina, recorda-a como “uma pessoa lendária”, com o seu lugar natural na romaria da segunda-feira seguinte ao terceiro domingo de agosto, dia de feriado municipal. “Até ter força, levou o bombo dos “Zés Pereiras”, que lhe davam para tocar. Quando deixou de conseguir, um deles segurava o tambor e ela tocava na mesma, a marcar compasso”, conta.

“Os Barulhentos Zés-Pereiras” eram de Frossos e desapareceram com o falecimento dos membros e fundadores, com os filhos emigrados e sem ninguém para dar continuidade ao grupo, segundo conta José Silva. Augusto Paiva, natural de Frossos e atual secretário da Junta de Freguesia de São João de Loure e Frossos, lembra-se bem de quem os fez nascer.

“O fundador desse grupo foi José Vieira, ele é que os mantinha ativos. O Sr. Zé tinha uma

oficina onde trabalhava o ferro e afiava alfaías agrícolas, ficava abaixo do café Vila Malta. Ele tinha um grande gosto por esse grupo”, recorda. Era neste espaço que Os Zés Pereiras se preparavam para as atuações e onde guardavam “os cabeçudos” e outros adereços de folia. Os populares com quem Augusto Paiva falou lembram-se de os ver a caminho da Senhora do Socorro de bicicleta “a pedal, com os instrumentos às costas, cada um com o seu”.

Manuel Andrade e Diamantino Morais, os membros mais antigos da atual Irmandade da Nossa Senhora do Socorro, recordam-se de os ver pela Festa entre meados de 1970 e até aos anos 90. Manuel Andrade agradece por terem sido “um grupo com quem nem precisávamos de falar, sabiam o que fazer em Albergaria, conheciam todo o itinerário e estavam sempre prontos para ajudar”.

Sem papas na língua

As fotografias guardadas por Maria de Fátima, neta de Armandina, criada pela avó, demonstram uma figura animada, de saia comprida, lenço ou chapéu à cabeça e calçado prático. Embora difíceis de situar no tempo, pensa-se que datem dos anos 70-80.

Manuel Andrade, apesar de

never ter tido uma conversa com Armandina, recorda com saudade a presença da Ti Socorro. “Lembro-me muito bem dela. Era uma senhora carismática. Andava com o bombo no meio dos Zés Pereira. Era uma alegria, era quase a alma da festa, alguém incontornável. Ali não havia tristeza. Tinha um dom”, diz.

A Ti Cartaxa, como também era apelidada, continua viva em cada história partilhada, seja em grupos locais no Facebook ou em conversas com quem a conheceu. “Ela tinha uma alegria contagiante e algumas anedotas que contava por Albergaria. Tinha um certo palavreado, fora do vulgar, com aquelas palavras obscenas, mas como tinha dom da palavra, ficava-lhe bem. Até a Autoridade lhe guardava respeito. Tinha dom e graça na afirmação. Deixa muita saudade”, recorda José Silva.

Numa destas aventuras, Armandina reparou que haviam chegado dois guardas novos a Albergaria e decidiu meter-se com eles, contando histórias recheadas de termos que raramente se transcrevem nos jornais, alto e bom som. “Foi levada ao Juiz, por perturbação de ordem pública. E ele disse assim ‘oh senhor guarda, deixem-na ir embora, ela é muito popular’. As pessoas gostavam



Bico do Monte cheio para o dia de procissão, anos 40

Foto cedida por D. Luísa Cândida da Silva Vidal para publicação na Revista Albergue 5



Procissão em honra da Nossa Senhora, 1994

Foto partilhada pelo Jornal de Albergaria nos anos 90



Andor coberto de notas doadas à Nossa Senhora do Socorro, anos 60

Foto cedida por Pedro Manuel Pires de Campos para publicação na Revista Albergue 5

Pub.



920 356 033

Visite-nos!

Rua Passadouro, 61 | Aguada de Cima

valter.pires91@gmail.com



(Continuação da pág. 10)

de a ouvir, não tinha maldade”, conta José Silva.

Numa outra peripécia, Armandina entrou na taberna do Sr. Ezequiel, com as socas que usava na altura “e começou com a linguagem típica dela, uns estavam a beber vinho, outros a comer carapaus fritos, outros a comer broa e houve um que lhe passou a mão na saia e ela PAUH PAUH! começou a dar-lhe com a soca. Isto foi-me contado por ela”, recorda, entre risos.

Farnel e Monte cheio

Armandina Ferreira Henriques traz consigo memórias de um tempo em que as celebrações dedicadas à Nossa Senhora do Socorro enchiam o Bico do Monte, deixando o espaço repleto de famílias com farnel, de toalha estendida no chão e tachos na mão. O feriado era passado em convívio, numa troca de conversas e comida entre os diferentes núcleos familiares.

“Esta festividade religiosa, criada em 1875, rapidamente se tornaria numa das de maior devoção em toda a região, com uma peregrinação composta por pessoas de Albergaria-a-Velha, Aveiro, Murto, Estarreja, Oliveira de Azeméis, Ovar, Anadia, Vale de Cambra, Sever do Vouga e Águeda; vêm mesmo peregrinos de terras mais distantes, para além dos numerosos emigrantes que anualmente não querem faltar a esta tradicional festividade”, lê-se em “A Capela da Nossa Senhora do Socorro em Albergaria-a-Velha: Contributos para a sua História”, de Delfim Bismarck, na Revista Albergue (2018).

Alguns recortes de imprensa, disponíveis no Arquivo Municipal digital, remetem para o mesmo cenário. Em 1904, o Correio d’Albergaria escrevia: “Esteve muito concorrida e muito animada. Acorreu ali muita gente do concelho e fora dele. A nota mais característica da festa foi a grande quantidade de ranchos espalhados pelo pinhal, ao fundo, aquém da estrada, que tiveram o bom gosto de para ali levarem leitões e respectivos acessórios que, estendidos pelo chão, devo-

ravam com prazer e com... gana”.

“Pode dizer-se que as referidas festas revestiram o maior brilhantismo e chamaram à nossa terra enorme concorrência de forasteiros, os quais davam a esta um aspecto de cidade, verdadeiramente interessante e curioso”, escrevia-se na edição de 30 de agosto de 1930 da Gazeta de Albergaria. Mais à frente pode ler-se: “Na segunda-feira 18, que é o dia consagrado à família albergariense, o dia das merendas e dos “pic-nics”, dos leitões assados e dos cabritos”.

Tal como atualmente, existiam anos com maior adesão que outros. A 22 de agosto de ‘31, a Gazeta de Albergaria não se inibiu de apontar: “Programa o mesmo do ano transacto. Fomos mal informados quando dissemos que a comissão que há pouco tomou posse estava disposta a fazer coisas...”. Ainda assim, terminam: “Na segunda-feira, como é tradicional costume, compareceram no aprazível Monte do Socorro numerosas famílias com as suas merendas”.

No geral, as décadas de 1940-70 foram de grande movimento nas festividades, de onde vêm os registos fotográficos do Monte repleto de fiéis e do andor cheio de notas. “Eu sou do tempo em que ia lá comer, com uma coberta, com os meus pais. Pegávamos numa manta ou duas, comer de casa e ali ficávamos. Hoje vou lá abaixo, como muita gente, e trago um frango para cima. Quando era miúdo, às vezes, quase fazia frete, mas gostava. Quem diria que ia ficar mais de 30 anos na Irmandade”, partilha Manuel Andrade. O fiel conta que, mesmo este ano, ainda viu algumas mesas do Bico do Monte ocupadas por famílias, com merendas e bebida.

Diamantino Morais, quando veio de Angola, em 1975, juntou-se à tradição através da família da esposa, albergariense de gema. “O meu sogro gostava muito de vir. Levávamos o farnel, eu era novo ainda, mal eu sabia que ia ficar lá assim tanto tempo. Era a tradição. Os tempos mudam e as coisas são diferentes”, partilha.



Ti Armandina Socorro com os Zés-Pereiras de Frossos, anos 70-80 / Foto Arquivo da família



Conjunto de fotos de família em picnics no Monte, partilhada por grupo de Facebook “Famílias de Albergaria” por Carmelinda Sequeira, Duarte Machado, José Santos, Jorge Tavares, Margarida Couto e Margarida Martins

Futuro do certame

Manuel Andrade e Diamantino Morais recordam que, “antigamente”, as barracas ficavam “mesmo coladas à Capela”, o que contribui para o efeito de mar de gente que se vê nas fotografias, pois a procissão passava na zona dos comerciantes. “Antigamente vinham 50 autocarros e as pessoas tinham de esperar umas pelas outras

e hoje as pessoas têm carro, vão cumprir as suas promessas e vão embora, como acontece em Fátima, por exemplo”, acrescenta Diamantino Morais.

Ainda assim, ambos destacam a adesão no dia de procissão, mesmo com os fiéis e visitantes distribuídos entre as zonas das barraquinhas e o caminho daqueles que acompanham a Nossa Senhora do Socorro, transportada, nos últimos anos, pelos ombros dos Bombeiros de Albergaria.

Apesar do aumento do poder de compra ter trocado os tachos pelas tasquinhas e os autocarros pelos carros, as famílias albergarienses e de concelhos vizinhos continuavam a manter a tradição da procissão e do petisco. Até que veio a pandemia. E os incêndios. O ano passado, o Estado Central proibiu, dias antes dos festejos, ajuntamentos em zonas florestais, como é o Bico do Monte, o que resultou em prejuízos significativos para os comerciantes já prontos para as celebrações. Este ano, a Irmandade adiantou-se ao Governo.

“Para nós, também foi um desgosto. Apesar da parte religiosa ter corrido muito bem, uma coisa pede a outra. Não foi do nosso agrado, mas não queríamos causar prejuízos como no ano passado. Fomos ouvindo as notícias sobre o agravamento do risco de incêndio e decidimos não avançar. Temos sempre restrições que não existem noutros lados por ser uma zona florestal”, lamenta Manuel Andrade. “Nós não queremos acabar com nada, mas não vamos contra as leis. Queremos que toda a gente venha e seja feliz. É esse o nosso lema”, reforça Diamantino Morais.

A Irmandade quer trazer de volta a alegria pré-pandémica, mesmo sabendo que outros tempos não voltam, e convidam, a quem se queira voluntariar, que entre em contacto com o padre Manuel Dinis, para garantir a renovação dos membros da comissão e o futuro do certame. “Para o ano, queríamos ver se as coisas voltavam ao normal”, deseja Manuel Andrade. ■

Pub.

“TENS DE IR À MULTIOPTICAS”

FERNANDO DANIEL

-50%
ÓCULOS DE SOL
NA COMPRA DE
ÓCULOS GRADUADOS
DESCONTO ATÉ 150€



ALBERGARIA-A-VELHA - Av. Dr. José Homem Albuquerque, 32 (Junto ao Cinetatro Alba), Telf.: 234 523 183, Telm.: 960 256 709

Promoção válida nas lojas aderentes de 15/06 a 30/09/2023 na compra de armação + lentes a partir de Bronze (exclui lentes base com antirrisco), não acumulável com outras promoções em vigor na loja nem com armações dos Preços Leves. O desconto de 50% tem o limite máximo de 150€, só pode ser utilizado na compra de um único par de óculos de sol ou óculos de sol graduados, não sendo acumulável com outras promoções ou protocolos gerais e convencionados. Informe-se sobre todas as condições junto dos nossos colaboradores ou em www.multiopticas.pt.

MultiOpticas 
Olha por mim, sempre